

QÚLTIMO  
  
POEMA



ALICE RODRIGUES AMORIM

O ÚLTIMO  
POEMA



**Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2023**

**Copyright © Alice Amorim, 2023**

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

**Lilian Vaccaro**

COORDENAÇÃO EDITORIAL

**Bianca Gulim**

PRODUÇÃO GRÁFICA

**Giovanna Vaccaro**

CAPA

**Carol Palomo**

DIAGRAMAÇÃO

**Michael Vasconcelos**

ILUSTRAÇÕES

**Laura Amorim**

**Fillipe Azevedo**

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

Amorim, Alice

O último poema / Alice Amorim - 1ª edição - São Paulo:  
Coerência, 2023

ISBN: 978-65-89850-85-4

CDD: 869.3

---

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção brasileira 2. Fantasia 3. Romance



Rua Coronel Leme, 43 | Centro  
Bragança Paulista | SP | 12.900-340  
www.editoracoerencia.com.br  
Tel.: (11) 9.8020-0810

## NOTA DA AUTORA

Apesar do contexto de guerra contínua, luta de raças e terras, a história aqui contada será de amor. Mesmo com o preconceito de raízes sólidas esparramadas por seres imaturos, focarei na desconstrução de paradigmas individuais, no olhar verdadeiro de um ser humano para o outro como ele é, não como um reflexo de si.

Pode reparar no pano de fundo caótico e tirar daí qualquer comparação com a nossa realidade, é nisso que me baseio mesmo. Mas, além de acontecimentos coletivos e físicos, a essência humana é a mesma em qualquer realidade. A evolução da *riwê*<sup>1</sup> nessa existência é que deve ser a finalidade. É para onde se deve olhar nesta história.

1. Traduzido da língua dos yanonay: alma. N.A.



“Nós estamos em guerra. Eu não sei por que você está me olhando com essa cara tão simpática. Nós estamos em guerra. O seu mundo e o meu mundo estão em guerra. Os nossos mundos estão todos em guerra. A falsificação ideológica, que sugere que nós temos paz, é pra gente continuar mantendo a coisa funcionando. Não tem paz em lugar nenhum. É guerra em todos os lugares, o tempo todo.”

Ailton Krenak



# 1

Estava chovendo muito naquele dia. A água estava no mar, nos pingos, no céu, no corpo. Salgada e doce, fria e forte. Encharcou as roupas de Isabela, os cabelos e o seu navio. Ela tremia internamente, por medo e adrenalina, mas sua expressão facial estava como a água. *Salgada e doce, fria e forte.*

Era nova, imatura e inocente sobre muitas coisas. Era também teimosa e achava-se cheia de poder. Naquele tempo, tinha por objetivo mostrar ao pai que podia ser capaz de cuidar-se. Queria deixá-lo orgulhoso. Instinto natural de dar o primeiro impulso, andar com as próprias pernas. Dera certo trabalho persuadi-lo para que saísse em viagem “sozinha”; entre aspas porque havia soldados na embarcação com ela. Porém Isabela estava no comando, sem ele e sem Adalgamir, seu irmão mais velho. Para seu pai, era como estar sozinha.

No terceiro dia de viagem, seu navio tinha sido encontrado por três navios piratas. Achara-se inicialmente muito azarada, no entanto mudara de ideia meses depois, porque fora naquela casualidade que eles se encontraram.

Sua inexperiência somada à astúcia e vantagem dos piratas fizera com que o assalto ocorresse rápido e limpo. Os soldados se entregaram e foram feitos prisioneiros de guerra. Isabela fora amarrada ao mastro de seu navio e deixada na chuva enquanto os comandantes decidiam o que seria feito dela.

Sentia-se acuada, instintivamente procurando uma forma de salvar a própria vida, e com o ego ferido por ter falhado, de fato, como Adalgamir previra. Naquele momento não pensou na responsabilidade que tinha sobre

aqueles soldados e em como isso impactava suas vidas. Externou tudo pela raiva, direcionando a vergonha de si para o primeiro que visse em sua frente. Nele colocou suas angústias e o culpou pelos acontecimentos. Ele era o vilão, ele havia invadido seu navio, e ele devia ser punido. Aquele ser, cujo nome e história eram para ela desconhecidos, recebeu essa atribuição. Ainda que ele não houvesse dado ordem alguma: fora mandado para vigiá-la.

Dominique olhou-a com pena, Isabela viu isso em sua expressão. Podia usar isso ao seu favor para conseguir redenção, mas o orgulho inflado a fez cega para racionalizar.

– Qual é o seu nome?

– Deve saber quem eu sou.

– Não perguntei quem é. Só seu nome.

– Me diga o seu.

– Dominique. — Esperou que ela respondesse também, mas não ocorreu. Então continuou com um lero-lero, porque gostava: — Você diz muito com seu silêncio. Você diz seu nome ao estar neste navio usando essas roupas formais molhadas, no orgulho de sua prisão. Já está em desvantagem, que mudança fará um sobrenome?

– Por que quer saber meu nome se parece já saber?

– Para conversarmos como pessoas civilizadas. Estamos em guerra, mas ainda somos humanos. Eu e você temos história, família e anseios, cada um.

– Você é um pirata.

– Ainda assim.

– Parece-me perda de tempo — disse com altivez, orgulhosa demais para discutir com um fora da lei.

Ele riu e balançou a cabeça em negativa. Desaprovava Isabela naquela conversa. Ela pensava que o escárnio era pela objetividade dela, senso de superioridade e teimosia. Mas ele detectava ali um tipo de crença que desprezava profundamente, típico de pessoas como ela, os *napo*: uma forma linear de ver o tempo, de possuí-lo. Objetividade e superioridade eram para ele defeitos comuns, que ele também tinha. Contudo, o que dizia respeito ao imaterial, à natureza, incomodava-o mais.

A conversa curta foi o suficiente para constatarem que eram diferentes. Ambos não se interessaram em conhecer mais o outro naquele momento. Porém, as circunstâncias futuras os levariam além.

– O que estão decidindo? Por que demoram tanto?

Isabela tremia de frio. A chuva parara, mas o vento gelado a açoitava.

– Acharam suspeito sua condição. Um navio da marinha viajando sozinho, com poucos marinheiros e uma capitã inexperiente. Acham que você pode ser uma isca.

– Não me distanciei muito da costa.

– Nem ficou tão perto assim. Passaram por uma corrente no mar do norte e não baixaram a vela à noite. Isso, somado aos ventos do inverno, os levaram a um terço do caminho para a Terra de Seghos. Seu pai saberia disso.

Isabela bufou, contrariada. Sentia-se humilhada por estar presa na chuva, seu queixo traíndo sua vontade de parecer intacta, com um desconhecido elencando seus erros com deboche. Não ligava em ser insultada por falta de modos femininos ou beleza, mas se esforçava para não parecer boba ou burra.

Alguns minutos depois, foi tirada dali e levada para uma cela. Deram-lhe um pano seco para se cobrir e foi deixada no escuro, sozinha. A cela estava fria e úmida. Não havia mais nada de força nela, nada de doce ou salgado. Era só frio e medo.

Era sufocante pensar no peso das consequências de suas atitudes impulsivas. Talvez seu pai tivesse permitido a viagem para que ela aprendesse a lidar com a vida real. E no primeiro voo fora pega pelo gavião.

Passou uma semana na cela, resfriada e maltrapilha. Não trocara de roupa nem tomara banho. Nunca passara tanto tempo em silêncio, e a falta de paisagem e pessoas, a pouca comida e o enjoo constante fizeram com que passasse mais tempo dormindo do que acordada. Várias vezes trocou as realidades. Não tinha certeza se recebera visitas de Dominique, ou de outros piratas.

Ancoraram o navio, e ele foi lá para despertá-la.

– Você vai ser deixada no porto. Não querem envolvimento com uma militar. Vão deixá-la viva, que é o melhor que poderia lhe acontecer.

Isabela levantou-se, envergonhada com seu próprio cheiro, e o esperou abrir a cela.

– Onde estamos?

– Terra de Seghos. Porto Sanhauá.

– O quê? Como vou voltar para as Três Terras?

— Uma vez por semana partem navios para passageiros. Mas precisa encontrar um pensionato para tratar de si e esperar esse tempo.

— Não tenho dinheiro. Vocês pegaram.

— Tem contatos. Vai servir.

Dominique notou que ela estava doente, muito magra e suja. Dificilmente seria reconhecida ou atendida por comerciantes. Só que não podia apelar para os capitães, já fora difícil convencer que a deixassem no porto. E não tinha dinheiro o suficiente para ajudá-la sem que ele mesmo passasse dificuldade.

— Você vai descer comigo, quieta e sem fazer estardalhaço. Certo? São muitos contra você. E nós estamos na nossa área.

Isabela andou pelo navio em silêncio, olhando as portas, cabines e guarda-corpos daquele transporte que pertencia à Coroa e estava sob seus cuidados. Agora estava sob domínio da Companhia Pirata, e ela nada podia fazer.

— O que será feito dos marinheiros?

— Alguns aceitaram trabalhar conosco. Outros vão ser deixados na cidade, como você. Mas eles, primeiro, vão ajudar a descarregar o navio.

Desceram a rampa devagar. Havia vários outros navios com a mesma bandeira. Todos eram da Companhia. Muitas pessoas circulavam, entrando e saindo com caixas, enchendo carroças e andando cheios de pressa. Tentou focar o olhar percebeu sua pressão baixar. Estava fraca e passara muitos dias sem fazer esforço. Dominique viu seu andar vacilar e a segurou até chegar em terra firme.

— Não me deixe sozinha — ela pediu baixinho.

Ele, que já estava hesitante em deixá-la à própria sorte, viu-se na obrigação de tomar de conta.

Isabela não tinha ideia de como aqueles dias na Terra de Seghos mudariam sua vida. Uma teimosia e impulso, guiados pelo destino ou não, fizeram-na despertar para coisas mais importantes. Uma série de acontecimentos que ia contra os seus desejos e planos, quase como conspiração divinatória, tiraram-lhe o controle. A Roda da Fortuna tinha feito o seu giro, a sorte estava traçada.